



## A IDEIA DE PROGRESSO DO SÉCULO XIX NA OBRA DE JÚLIO VERNE

MARQUES, M. I. <sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo pretende-se estudar como a ideia e a crença no progresso do século XIX influenciaram na obra do escritor Júlio Verne. No século XIX, a ideia de progresso mobilizou os europeus e eles a espalharam pelo mundo inteiro. A fulgurante imaginação de Verne vai ao encontro dessas concepções de progresso. Com uma narrativa cheia de personagens e roteiros desconcertantes, o autor conseguiu pressagiar muitos avanços científicos posteriores, recebendo com isso o título de criador da ficção científica.

**PALAVRAS CHAVES:** Júlio Verne; ideia; progresso.

**ABSTRACT:** In this article we intend to study how the idea and belief in the progress of the nineteenth century influenced the work of the writer Jules Verne. In the nineteenth century, the idea of progress mobilized the Europeans and they spread it throughout the world. Verne's flashing imagination meets these conceptions of progress. With a narrative full of disconcerting characters and scripts, the author managed to portend many later scientific advances, thus receiving the title of creator of science fiction.

**KEY WORDS:** Júlio Verne; idea; progress.

### 1. Introdução

A intenção neste artigo é estudar como a ideia de progresso do século XIX pode ter influenciado na obra do escritor francês Júlio Verne. Segundo Le Goff: “A ideia de progresso mobilizou os europeus e eles a espalharam pelo mundo inteiro”. (LE GOFF, 2008, p. 109). Foi um êxtase coletivo, uma confiança generalizada nesse “progresso” científico - tecnológico, embora isso fosse levar o mundo a uma catástrofe no século seguinte.

Antes de tentar entender concepções históricas em uma obra literária, é necessário discutir um pouco a relação entre História e literatura. “A relação entre História e literatura está entre os temas mais recorrentemente debatidos nos últimos anos pelos historiadores”. (JÚNIOR, 2007, p. 43). Isso porque os historiadores vêm

---

<sup>1</sup> Miguel Ideli Marques. Licenciado em História pela Universidade do Vale do Itajaí (2010). Artigo escrito como Trabalho de Conclusão de Curso TCC, em 2009, orientado pelo professor Paulo Rogério Melo de Oliveira.



repensando seu próprio campo de saber, suas definições sobre História. Na década de 60 do século XX, aconteceu um acalorado debate no campo da História, com a temática de como a História deveria ser escrita, para deixar claras suas diferenças para com o campo da literatura. “Aos historiadores caberia a abordagem dos fatos e só aos escritores seria permitida a ficção, entendida como invenção dos eventos que narra. A História teria como compromisso a procura da verdade, a literatura poderia ser fruto da pura imaginação”. (JÚNIOR, 2007, p.44). A partir da década de 70 do século XX, esses conceitos mudam, na medida em que a História passa a buscar diálogo com outras áreas do conhecimento.

Quando um historiador se volta para uma obra literária ele não vê a obra como um leitor comum que busca apenas o lazer na leitura. Segundo Sandra Pesavento: “Ele é um tipo especial de leitor, cuja missão é ao mesmo tempo narrativa e interpretativa do passado, construindo uma versão plausível e coerente com aquilo que um dia teria ocorrido”. “A obra literária é, contudo, um tipo especial de fonte, assim como o historiador é um tipo especial de leitor”. (PESAVENTO, 1996, p. 1008).

Entretanto, apesar da importância do texto literário como fonte para o estudo da História, alguns críticos entendem que isso pode descaracterizar o texto literário enquanto obra de arte. Mas segundo Soares:

A obra literária assim compreendida pode, portanto, constituir-se numa fonte bastante rica para a História das mentalidades ou para a etno-História ou ainda para a História cultural. No entanto, a utilização do texto literário como fonte histórica é uma questão polêmica: alguns críticos literários a condenam por considerar que, com isso, os historiadores estariam reduzindo uma obra de arte a simples documento. A nosso ver, esse tipo de crítica provém de um desconhecimento da concepção do que seja documento para a Nova História. Na verdade, um historiador sério das mentalidades ou da cultura, ao se servir de uma obra de arte, seja qual for, faz uma leitura do tempo histórico que ela contém, mas está consciente de sua especificidade, que vai muito mais além da simples descrição desse tempo (SOARES, 1992, p. 780).

Ou seja, o historiador não pode ver o texto literário apenas como fonte histórica, mas deve entender que às vezes a obra de arte não representa um sentimento real, mas um sentimento que seu criador gostaria que existisse. O



desafio é buscar essa relação na obra de Júlio Verne, sem, entretanto, deixar de enaltecer a beleza do texto do autor.

## 2. Jules Gabriel Verne

Jules Gabriel Verne, ou, aporuguesado Júlio Verne (1828 – 1905), é um dos escritores clássicos da literatura francesa mais traduzido nos tempos atuais. Estudou geologia, engenharia e astronomia. Ainda jovem conheceu outro expoente da literatura francesa Alexandre Dumas<sup>2</sup> de quem se tornou amigo, e por quem foi influenciado no início de sua carreira literária.

A fulgurante imaginação de Verne vai ao encontro da ideia de progresso do século XIX, em que se acreditava que a ciência iria mudar a humanidade. Ele uniu ao vigor narrativo sua concepção de progresso, o que lhe permitiu pressagiar muitos avanços tecnológicos e científicos posteriores, com isso recebeu o título de criador da ficção científica.

Os personagens de suas obras cruzam os sete mares, o espaço aéreo e terrestre, mergulham nas profundezas dos oceanos, nas profundezas da terra, até atingir a lua.

Em toda sua carreira escreveu mais de 70 obras, que de acordo a UNESCO, foram traduzidas para mais de 140 línguas.

Germana Barata descreve a obra de Verne, e dá pistas sobre como o autor encontrava inspiração para escrever seus “romances”:

Uma aventura científica rica em detalhes e escrita em tom de diários de viagens, inclusive com notas de coordenadas geográficas, essas Histórias maravilhosas nasciam inspiradas na leitura que Verne fazia de outros autores, como o norte-americano Edgar Allan Poe, de revistas como *Le Tour du Monde-Nouveau Journal de Voyages*, e em conversas com amigos cientistas sobre as recentes descobertas e avanços, como Felix Nadar, interessado em navegação aérea e balonismo, tema recorrente em diferentes romances. O resultado é uma fascinante mescla de ficção e realidade, aventura e princípios científicos [...] (BARATA, 2005, p. 56).

---

<sup>2</sup> Alexandre Dumas (1802-1870) foi um romancista francês autor de clássicos da literatura de aventura, como *Os três mosqueteiros*. Suas Histórias foram traduzidas para cerca de uma centena de idiomas e inspiraram mais de 200 filmes.



Sua obra transita com frequência entre a ficção e realidade, aventura e ciência, o que causa no leitor dúvidas sobre quando se trata de ficção ou quando é realidade. Embora nunca tivesse saído da França seus romances continham detalhes de várias regiões do planeta.

Um de seus romances foi ambientado em solo brasileiro, em: A Jangada – 800 léguas pelo Amazonas (1881); ele descreve a trajetória de uma família em uma casa flutuante até Belém, para realizar o casamento da filha.

Durante sua carreira, Verne contou com o apoio e a amizade de seu editor Pierre-Jules Hetzel (o mesmo de Alexandre Dumas), que adequava seus escritos, produzidos com tal rapidez que garantia duas a três publicações por ano.

Dentre sua vasta produção, suas obras mais populares são: Cinco Semanas em Balão (1863), Paris no Século XX (1863), Viagem ao Centro da Terra (1864), Da Terra a Lua (1865), Vinte Mil Léguas Submarinas (1870), A Volta ao Mundo em Oitenta Dias (1872), A Ilha Misteriosa (1874), e Robur: O Conquistador (1886).

### **3. A ideia de progresso do século XIX na obra de Júlio Verne**

O que é progresso? Se recorrermos ao dicionário Aurélio da língua portuguesa encontraremos a seguinte definição: “1. Ato ou efeito de progredir; progressão. 2. Marcha para frente. 3. O conjunto das mudanças havidas no curso do tempo”. (FERREIRA, 2004, p. 658). No século XIX, essa marcha para frente parece ser a ideia de progresso que mobilizou os europeus, principalmente com o desenvolvimento científico tecnológico decorrente da Revolução Industrial Inglesa, mas também filosófico, literários, entre outros. Poderíamos adaptar uma frase de Sevcenko, que embora se refira a outro contexto, é ideal para resumir a maneira com que o homem do século XIX recebeu o progresso: “Correndo adiante dos fatos, como os sedentos atrás de uma miragem, homens e mulheres injetavam um fundamento emotivo à própria euforia e se lançavam a ela”. (SEVCENKO, 1992, p. 25). Era uma animação geral inédita e arrebatadora. Ainda segundo LE GOFF:

Existiu uma Europa moderna científica. Esses homens de ciência muitas vezes têm consciência de que as invenções científicas estão estreitamente ligadas às invenções técnicas. Isso é particularmente



evidente no campo do vapor. Essas descobertas científicas e técnicas estão também ligadas às ideias, aquelas dos filósofos do Iluminismo. [...] A enciclopédia difunde a ideia de que a humanidade realizara na Europa, nos campos material, científico e filosófico, descobertas que superavam tudo o que existira desde a Antiguidade. A ideia de progresso mobilizou os europeus e eles a espalharam pelo mundo inteiro (LE GOFF, 2008, p. 108-109).

É nessa Europa marcada pelo otimismo em relação ao avanço da ciência e da técnica em que viveu Júlio Verne. Só para demonstrar esse desenvolvimento técnico, podemos citar: o inglês Michel Faraday, que fez importantes descobertas em eletromagnetismo e eletrólise. O alemão Max Planck que formulou em 1900, a teoria dos quanta, base da física moderna. O francês Pierre Curie que descobriu a radioatividade, o austríaco Sigmund Freud que criou a Psicanálise, entre outros. (LE GOFF, 2008, p. 136). “Pautadas nas possibilidades criadas pela introdução das inovações, as construções sobre o futuro produzem imagens, que tornam possível aos homens daquele momento vislumbrar possíveis transformações”. (NETO, 2004, p. 10). A literatura passa a ser um dos principais meios de expressar esse entusiasmo com o chamado “progresso”.

A partir da segunda metade do século XIX, passaram a ocorrer principalmente na Europa às exposições mundiais. O objetivo dessas exposições era divulgar ao mundo os progressos da ciência e da técnica. Essas exposições possibilitaram não apenas a elite, mais também ao trabalhador o contato direto com essas inovações. Segundo Plum (In: NETO, 2004, p.11):

Um dos grandes mestres da ilustração de ilusões cosmo-estratégicas foi o escritor francês Júlio Verne [...] Seus romances sobre viagens extraordinárias bem podem ser lidos como catálogos e introduções para as exposições mundiais do século XIX. Neles se exalta o homem novo, o descobridor e inventor. Júlio Verne converteu de imediato em realidade as sugestões da técnica moderna que acabava de iniciar seu desenvolvimento (PLUM, 1979, p. 50).

Não demorou para que esse novo homem europeu aparecesse na literatura. O europeu do século XIX entende a si mesmo como homem que inventa, descobre, e que é capaz de transformar de imediato em realidade sugestões da técnica. Verne é mais do que um escritor de literatura, é um representante legítimo dessa nova concepção de homem.



No início do século XIX, o romantismo surgiu na literatura em oposição aos valores da sociedade burguesa. Talvez por não se adequar muito bem nessa corrente, Verne foi tido em sua época como mero escritor de Histórias para um público infantojuvenil. Atualmente entendemos que ele foi muito mais do que isso, Verne inaugurou uma relação entre literatura e ciência até então praticamente inexistente.

Na leitura de alguns romances de Verne, principalmente aqueles de maior sucesso, como *A Volta ao Mundo em oitenta dias*, o progresso científico-tecnológico é colocado em contraste com culturas exóticas e primitivas. Sendo a viagem o tema que impulsiona o romance, seus personagens entrarão em contato com lugares exóticos, habitados por primitivos, que olham com um espanto selvagem para aquelas maravilhas. Ao mesmo tempo, seus personagens não deixam de ser europeus, mantêm-se firmes em seus propósitos, imbuídos da racionalidade e da objetividade que a ciência lhes deu (NETO, 2004, p. 13).

É apresentado na citação acima, o modo como o homem Europeu enxerga a si mesmo, como superior, racional, em contraste com culturas que ainda mantém um modo de vida mais primitivo, e sem praticamente nenhum recurso tecnológico a sua disposição. Verne se apresenta como típico homem europeu, confiante na racionalidade e objetividade que a ciência do século XIX coloca a sua disposição.

Porém nos últimos anos de sua vida, o autor passou a demonstrar preocupações com os impactos negativos que a tecnologia poderia trazer ao planeta e aos seres humanos. Na obra *Propeller Island* (1896), ele prevê a destruição de populações nativas de ilhas da Polinésia, ainda em *The sphinx of the ice fields* (1897) ele prevê a catastrófica dizimação da espécie das baleias.

A mudança do tom, inicialmente otimista em relação aos benefícios que a tecnologia poderia trazer à humanidade, acontece, principalmente, depois da morte de Hetzel, em 1886 e é um dos motivos do livro *Paris no século XX* (1886) só ter sido publicado em 1989 pelo bisneto de Verne. Temendo a repercussão negativa na carreira do escritor, seu editor preferiu censurar a História de um jovem que vive em um mundo de arranha-céus, trens de alta velocidade, carros movidos a gás e rede mundial de comunicação, que não encontra felicidade diante de um ambiente altamente materialista, resultando em um fim trágico (BARATA, 2005, p. 57).



Se esse livro fosse publicado no século XIX, quando as mazelas promovidas por aquilo que convencionalmente chamavam de progresso, ainda não estavam postas de maneira tão evidente, provavelmente teria sido mal recebido por seus fãs, aficionados, por Histórias otimistas em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico. Pouquíssimas pessoas além de Verne e Walter Benjamin (este dizia que o progresso era como um trem desgovernado) conseguiram prever as consequências nefastas, que esse progresso causaria para a humanidade.

## 4. JÚLIO VERNE: faces do progresso

Pois bem, no decorrer deste artigo bastante se falou em progresso, em ficção, em desenvolvimento, em homem do século XIX. O que se pretende agora, é tentar ver essas ideias em alguns trechos das obras de Verne, e identificá-las. Isso exige um trabalho minucioso. Às vezes nossa interpretação é falha. Ler é pescar em um lago alheio, desta maneira, quando se faz uma leitura direcionada, se enxerga aquilo que se quer enxergar, e não propriamente o que o autor queria dizer.

Vamos, portanto, concentrar nossa leitura nessas proposições.

Na maioria de seus romances o autor tem a preocupação de datar todos os acontecimentos desde as primeiras páginas: “Era por volta das quatro horas da tarde do dia 23 de março de 1865, [...]” (A Ilha Misteriosa, p. 7); “[...] era, habitada, em 1872, por Fílias Fogg, [...]” (A volta ao Mundo em 80 dias, p. 11); “Corria o ano de 1866”. (Vinte Mil léguas Submarinas, p. 13). Todas essas citações descritas acima ocorrem entre os primeiros parágrafos do primeiro capítulo desses três livros. Essa preocupação com datas faz parte da forma com que no século XIX a História era escrita. Esse modelo de História primava em buscar a “verdade” efetiva das coisas. Verne, para causar em seus leitores sensação de realidade, inicia seus romances com características típicas de como se escrevia História. Embora na atualidade o estudo da História tenha uma visão um pouco diferente com relação ao uso das datas, historiadores da atualidade reconhecem a importância delas para o estudo da História:

Datas. Mas o que são datas? Datas são pontas de icebergs. O navegador que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais



que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se despedace de encontro às massas submersas que não se vêem? Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria tal negrume que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de números. A memória carece de numes”. (BOSI, 1992, p. 19).

Datas são o ponto de partida para a pesquisa de acontecimentos históricos. O que Verne tentava fazer, talvez embora não de forma declarada, ao trazer para literatura conceitos de outras áreas do conhecimento, como a História, que estava em alta no século XIX, era dar a literatura maior credibilidade e status de ciência. No século XIX, “a História encontra-se verdadeiramente no centro do debate intelectual e político francês” (CAIRE-JABINET, 2003, P. 92).

Contemporâneo de Verne, o filósofo Nietzsche comentou em Segunda Consideração Intempestiva<sup>3</sup>, as vantagens e desvantagens da História para vida e para a ação humana. Ele explica o papel que a História exercia na fundamentação do conceito de grandeza do homem:

Nós os denominamos os homens históricos; o olhar para o passado os impele para o futuro, acende a sua coragem para manter-se por mais tempo em vida, inflama a esperança de que a justiça ainda está por vir, de que a felicidade está sentada por detrás da montanha para qual estão se dirigindo. Estes homens históricos acreditam que o sentido da existência se iluminara no decorrer de um processo (NIETZSCHE, 2003, p. 15).

[...] somente pelo fato de surgir no interior dessa névoa que nos circunda um feixe de luz muito claro, relampejante, ou seja, somente pela capacidade de usar o que passou em prol da vida e de fazer História uma vez mais a partir do que aconteceu, o homem se torna homem. No entanto, em um excesso de História, o homem deixa novamente de ser homem [...] (NIETZSCHE, 2003, p. 12).

Homem europeu do século XIX usa a História para legitimar suas ações. Entretanto o excesso de História também prejudica o homem. Principalmente aquilo que Nietzsche intitulou de História Monumental, “Que grandes momentos na luta dos indivíduos formem uma corrente [...] se expressa pela exigência de uma História monumental”. (NIETZSCHE, 2003, p. 14). Esse tipo de História trata dos grandes

---

<sup>3</sup> Coincidentemente, Segunda Consideração Intempestiva foi escrito no mesmo ano em que Verne publicou a Volta ao Mundo em Oitenta Dias: 1873.





feitos da humanidade, mas é preciso que o homem consiga superá-los, deve ser demolido<sup>4</sup> para dar lugar ao novo homem, aquilo que pode ser feito. Para Nietzsche, o homem não pode ficar preso ao passado glorioso, porque este tipo de História não seria útil para vida, o homem deve encarar esse passado como possível de ser superado. Verne parece também compartilhar com essas ideias, pois seus personagens se sentem desafiados a superar os ícones da História, a descobrir lugares jamais visitados pelo homem, a superar os limites da ciência<sup>5</sup>. Verne tenta a sua maneira adequar a História ao mesmo propósito que Nietzsche: “[...] precisamos dela (da História) para a vida e para a ação, [...] Somente na medida em que a História serve a vida queremos servi-la”. (NIETZSCHE, 2003, p. 5).

Para reforçar essa ideia, de que Verne pretendia mesmo aproximar sua literatura das ciências podemos citar curiosidades históricas e geográficas precisas ao longo de seus romances, que tem como função legitimar seu discurso. Por exemplo, em *Vinte Mil Léguas Submarinas* Verne cita sobre a História: “[...] personagens históricos, cuja existência foi continuo devotamento a uma ideia humana. Cosciusco, o herói que tombou ao grito de *Finis Poloniae*; Botzaris, o Leônidas da Grécia moderna; O’Connel, o defensor da Irlanda; Washington, o fundador dos Estados Unidos; Manzini [...]” (VERNE, 1870, p. 273). “[...] navegava através do arquipélago das Novas Hébridas, que Queirós descobriu em 1606, Bougainville explorou em 1768 e a que Cook deu o nome atual em 1773”. (idem, p. 152). Para reforçar essa ideia, ainda na mesma obra ele fala sobre geografia; “Consultei o planisfério e descobri, a trinta e dois graus e quarenta minutos de latitude norte, e cento e sessenta e sete graus e cinquenta minutos de longitude oeste, uma ilha, explorada em 1801 pelo capitão Crespo [...]” (idem, p. 121)

---

<sup>4</sup> Em: *Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo* (1889), Nietzsche aprofunda essas concepções ao criticar valores e fundamentos da cultura do mundo ocidental.

<sup>5</sup> Não temos fontes suficientes para afirmar que Verne compartilhava da mesma visão de História que Nietzsche. O que existe, é a forma com que o autor coloca essas questões ao longo de seus romances, o que torna possível uma interpretação por parte do historiador, de que, embora talvez Verne não conhecesse detalhadamente as concepções de História de Nietzsche, seus personagens apresentam características condizentes com essas concepções. Ao mesmo tempo em que os personagens enxergam a necessidade de ultrapassar os grandes feitos da humanidade, eles admiram os grandes feitos do passado. Desta forma, entendemos que Verne não era adepto a nenhuma corrente do pensamento histórico, mas tentava mesclar diferentes concepções para fundamentar sua obra.



Teríamos ainda inúmeras citações. A Viagem submarina de que Verne fala, é fantástica, tanto pela capacidade de criar do autor, quanto pela junção de fatos históricos, geográficos, e de conceitos mais avançados que a ciência do século XIX possui em termos de conhecimentos do mundo marinho, como o autor cita; “[...] no Reino do Coral. No ramo dos zoófitos e na classe dos alcionários, encontra-se a ordem dos gorgonários, que compreende três grupos: as gorgônias, as isídias e as coralinas”. (idem p. 198). “[...] cardume de lulas, curiosos moluscos, muito parecidos com a siba. Pertencem à classe dos cefalópodes e a família dos dibrâquios, que compreende ainda as sibas e os argonautas”. (idem, p. 146). Se atualmente já é fantástico ler Júlio Verne, em 1870 ler Vinte Mil Léguas Submarinas, é mais do que isso; é estar atualizado sobre noções modernas de geografia, aportar-se de curiosidades históricas relevantes, conhecer o que a ciência está produzindo de mais ousado e inovador. Poderíamos caracterizar a obra como um catálogo sobre que se entende por progresso no século XIX.

Em outra obra Verne dá uma visão sobre o otimismo que toma conta da Europa e talvez dele próprio, quando escreve no primeiro parágrafo do livro “O Castelo dos Cárpatos”:

Vivemos uma época em que tudo acontece, e em que, aliás, quase tudo tem acontecido. Se a nossa narrativa não é verossímil hoje, pode sê-lo amanhã, graças aos recursos científicos que são a promessa do futuro, e ninguém pensaria em pô-la na categoria das lendas. Além disso, no declinar deste prático e positivo século XIX, já não se criam lendas nem na Bretanha, a região dos ferozes Korrigans, nem na Escócia, a terra dos *brownies* e dos gnomos, nem na Noruega, a pátria dos ases, dos elfos, dos silfos e das Valquírias, nem mesmo na Transilvânia, onde a paisagem dos Cárpatos se presta tão naturalmente a todas as evocações sobrenaturais. Convém notar, no entanto, que o país transilvano está ainda muito aferrado às superstições da antiguidade (VERNE, 1892, p. 9).

É a crença típica de que não há mais lugar a explicações mitológicas para qualquer coisa no universo, tudo pode e deve ser explicado sob a racionalidade da ciência. As lendas não fazem mais parte daquilo que se constitui socialmente enquanto verdade. Em outra passagem, desta vez em Vinte Mil Léguas submarinas, Verne demonstra a total descrença do século XIX com relação às Lendas: “Mas



nessas lendas, que há de verdadeiro? – perguntou Conselho. – Nada, meus amigos”. (VERNE, 1870, p. 368).

De tão racional e objetivo que é o homem do século XIX passa ser um homem mecânico. “Verdadeira máquina! Ora, não me desagrada servir a um homem de vida mecânica” (VERNE, 1873, p. 17). A frase do criado de Fíleas Fogg demonstra a maneira de agir da burguesia<sup>6</sup>, a maneira com que tratam seus interesses, sem se preocupar com as limitações humanas. Pode ser interpretado também como o homem que é controlado pelo tempo. “O imprevisto não existe...” (idem p. 22), para um homem do século XIX, tamanha é a racionalidade com que ele planeja suas ações que não há espaço para o imprevisto.

A realização de uma viagem com o objetivo de dar a volta ao mundo em oitenta dias é impossível de se pensar no século XV, XVI, mas a partir da Segunda Revolução Industrial, com a introdução da velocidade nos meios de transporte, tal aventura se torna praticamente possível no século XIX. A velocidade diminuiu o mundo, Verne mostra isso em um diálogo de A Volta ao Mundo em 80 dias; acompanhe:

Mas, afinal o mundo é grande. Era, em outros tempos...- observou a meia voz Fíleas Fogg. Corte o baralho – acrescentou, apresentando as cartas a Thomas Flanagan. A discussão foi suspensa durante este intervalo. Mas dali a pouco Andrew Stuart retomou-a, dizendo: - Como, em outros tempos! Porventura a terra diminuiu? Decerto – respondeu Gauthier Ralph. Sou da opinião do senhor Fogg. A terra diminuiu, porque pode ser percorrida dez vezes mais depressa do que há cem anos (VERNE, 1873, p. 22).

A velocidade impressa nos meios de transporte no século XIX dá início ao processo que hoje entendemos como globalização. A eficiência no transporte fez com que praticamente nenhuma parte do globo continuasse sua existência isoladamente.

Falando tipicamente como um europeu do século XIX, Verne concorda que os europeus têm como objetivo ao colonizar um país, levar o progresso e a ciência:

---

<sup>6</sup> Por burguesia, de acordo com o ideário marxista, entendemos a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregadores do trabalho assalariado.



[...] as possessões inglesas da Índia estão sob a imediata dependência da Coroa.

Por isto, os costumes, as divisões etnográficas da península tendem a modificar-se de dia para dia. Antigamente, viajava-se por todos os velhos meios de transportes: a pé, a cavalo, em carroça, em palanquim, às costas de homens e em carrinho de mão. Presentemente, navios a vapor percorrem o Indo e o Ganges a grande velocidade, e uma estrada de ferro, que atravessa a Índia em toda a sua extensão, ramificando-se no seu trajeto, põe Bombaim apenas três dias de Calcutá (VERNE, 1873, p. 44).

Verne lista na citação acima as possíveis vantagens para o colonizado. Devemos deixar claro que não se trata de concordar ou discordar daquilo que o autor pensa ou afirma, e que não cabe ao historiador fazer um julgamento de Verne. O que se pretende aqui com estes argumentos é deixar clara sua visão eurocêntrica, com relação ao homem do século XIX, que se julga no direito de decidir o que é melhor para os outros povos, desta maneira, subjuga, domina, oprime. Ainda tenta justificar: “Devemos ainda notar que, em virtude de razões da boa política, o governo inglês, respeitando e fazendo respeitar até nos seus pormenores a religião do país<sup>7</sup>, pune severamente todo aquele que lhe ofende as práticas”. (VERNE, 1873, p.47). É como se os indianos não tivessem condições de se autogovernar.

Se tentaram, pelo menos é o que dizem, levar a tecnologia a ciência a todas as partes do globo, salvar as populações primitivas do atraso e da miséria, por outro lado não conseguem esconder a forma com que encaram as populações que possuem costumes e culturas diferentes daquele padrão europeu de bom cristão. A relação com o desconhecido é pautada pelo medo do outro. O outro pode ser nocivo, portanto deve ser educado, civilizado, se isso não for possível talvez deva ser exterminado. Se Verne dizia a pouco, que os ingleses respeitavam os costumes religiosos dos povos por eles colonizados, mais adiante, o autor deixa escapar que eles respeitavam aqueles costumes que eram em seus conceitos dignos de ser respeitados. O medo do outro é revelado sem nenhuma modéstia: “... assassinos, formando associação misteriosa, estrangulavam, em honra da deusa da morte, vítimas de todas as idades [...] Houve um tempo em que não se podia revolver nenhum ponto do solo daquele país em que se encontrasse um cadáver”. (VERNE,

---

<sup>7</sup> O país a que Júlio Verne se refere é a Índia.



1873, p. 50). Esse tipo de literatura legitima o papel do colonizador. Em outras ocasiões, o personagem Fogg e seus companheiros se sentem mais seguros na selva, do que na companhia de humanos: “Evitava sempre os lugares habitados, sentindo-se mais em segurança nas campinas desertas...” (VERNE, 1873, p. 57).

Se de um lado um historiador pode fazer todas essas reflexões quanto aos povos dominados, um leitor comum dificilmente vai fazer uma análise apurada da obra e entender o papel que esse tipo de literatura representava no século XIX. É praticamente impossível para o leitor comum, pois o roteiro do texto é montado com essa finalidade. Em nossa cultura cristã, mesmo aqueles que não professam nenhuma religião têm valor pela vida. É um direito natural. Agora quando o autor fala sobre rituais de sacrifícios humanos, que os ingleses tentavam impedir em algumas partes da Índia, automaticamente nos identificamos com o colonizador, acompanhe:

– O que é um *sutty*? – É um sacrifício humano, mas voluntário – respondeu. Aquela mulher será queimada amanhã ao romper do dia.  
– Ah! Assassinos! – exclamou Fura-Vidas, que não pode conter este brado de indignação. – E o cadáver? – perguntou Fíleas Fogg. – É o do príncipe, seu marido – explicou o guia –, rajá independente do Bundelcunde. – Como – replicou Fogg, sem que na voz revelasse a menor emoção –, estes costumes bárbaros subsistem na Índia e os ingleses não os puderam destruir? (VERNE, 1873, p. 59).

Assim como o personagem Fogg, o provável leitor também deve pensar: como é que os ingleses não conseguiram exterminar esses costumes bárbaros? No capítulo seguinte, Fogg e seus companheiros conseguem salvar a moça do infortúnio, e ela claro: “Aouda<sup>8</sup> agradeceu efusivamente aos seus libertadores, mais com lágrimas do que com palavras. Os seus formosos olhos, mais que os lábios, foram os intérpretes de sua gratidão”. (VERNE, 1873, p. 69). Agora pergunto a você leitor, você consegue se portar contra os Ingleses? O roteiro é de tal forma arrojado para que o leitor encare com naturalidade as concepções apresentadas.

Verne é um típico formador de opinião. Ele deixa a entender nas entrelinhas de suas obras a ideia de que o europeu do século XIX, centrado, racional, objetivo e científico, tem, portanto, a função de mudar no mundo essas culturas nefastas, e nocivas ao ser humano. Entre um livro de História e a literatura, a literatura tem um

---

<sup>8</sup> Nome da Personagem.



poder de convencimento infinitamente maior. A História tradicional é fria e calculista, a literatura é humana e convence.

## 5. Considerações finais

[...] o mundo da razão, da palavra, da consciência, oriundo da traição neoclássica, científica e liberal do século XIX, já não trazia respostas em seu vocabulário assentado sobre estabilidades, que dessem conta de representar a nova ordem turbilhonante das coisas (SEVCENKO, 1992, p. 31).

A sugestiva frase de Sevcenko é ideal para descrever o mundo pós-guerra, acarretado de uma perda humana inigualável. É como se o homem que no século XIX que criava, tinha bons costumes e era racional, tivesse voltado à barbárie. O mundo da razão, da palavra e da consciência não mais existia. Tampouco as concepções de progresso e ciência davam conta de explicar, a volta do homem a barbárie.

Após a Guerra, seja pela morte, afastamento ou desmoralização dos antigos líderes, uma nova geração emergiu: jovens portadores da 'ideia nova', gente vinda do seio do caos metropolitano e formada nele. Não foi a deflagração da Guerra que abriu a caixa de Pandora, mas, por meio da crise de escala mundial e da magnitude inédita do seu impacto, ela espalhou os demônios da ação pelo mundo e o submeteu ao seu comando (SEVCENKO, 1992, p. 33).

Aquele mundo do otimismo e da ciência deu lugar ao terror, ao medo e ao ódio do outro. O homem que se julga capaz de levar o progresso da ciência, da técnica e da cultura, deu lugar em 1914 ao homem que destrói e extermina.

Um Ocidente que, sempre louvado e idolatrado, depois da Guerra não se podia mais reconhecer. Não era mais o mundo de Victor Hugo, de Tolstoi, Pasteur, Wagner, Verdi e Disraeli. Naufragava na mais negra crise econômica, aparentemente irreversível, e por todo lado exsudava revoluções, lideranças anárquicas, horrores fratricidas e criaturas desvairadas (SEVCENKO, 1992, p. 37).



Aquele homem ocidental, apresentado por Verne em suas obras como otimista, confiante, civilizado, capaz de levar o progresso da ciência, da técnica e da cultura até as mais longínquas partes do globo deixou de existir. Entre 1914 e 1918, e principalmente entre 1939 e 1945 o homem superou toda sua capacidade de voltar à barbárie, abandonando aquilo que um dia pode ser chamado de civilização. O que teria sido determinante para essa drástica mudança no curso da humanidade? É uma pergunta de difícil resposta. É bastante provável que busca desenfreada pelo lucro, criada pela nova sociedade industrial burguesa tenha sido um dos principais elementos para a instalação do caos coletivo a partir de 1914.

Nos anos finais de sua vida, Verne passou a se preocupar com a outra face do progresso, a que pode ser nociva ao ser humano se não for controlada. Como já citei anteriormente, em suas últimas obras Verne passou a mostrar que embora as comunicações tivessem evoluído de forma fantástica, o homem passou a ser individualista, egoísta, e a viver cada vez mais isolado de seus semelhantes<sup>9</sup>. Surgiram então novas doenças como a depressão, por exemplo. Até mesmo a natureza passou a ser vítima desse progresso, com a dizimação de espécies de animais ou catástrofes ecológicas.

Depois de Verne, Benjamin também previu com muito mais exatidão aonde o otimismo burguês iria levar a humanidade:

Alarme de incêndio', essa premonição histórica das ameaças do progresso: se a derrubada da burguesia pelo proletariado não for realizada antes entes de um momento quase calculável da evolução técnica e científica (indicado pela inflação e pela guerra química), tudo está perdido. É preciso cortar o estopim que queima, antes que a faísca atinja a dinamite. [...] Benjamin não concebe a revolução como o resultado 'natural' ou 'inevitável' do progresso econômico e técnico (ou da 'contradição entre as forças e relações de produção'), mas como a interrupção de uma evolução histórica que leva à catástrofe (LOWY, 2005, p. 23).

Essa visão crítica permite que Benjamin perceba – intuitivamente mas com grande acuidade – as catástrofes que ameaçavam a Europa... [...] Benjamin foi o único, entre os pensadores daqueles anos, que teve a premonição dos monstruosos desastres que a civilização industrial/burguesa poderia estar gerando (LOWY, 2005, p. 25).

---

<sup>9</sup> Ver BARATA. Op. cit. p. 6.



Desacreditados em sua época, tanto Verne (no que se trata de sua visão pessimista com relação ao progresso), quanto Walter Benjamin, foram vítimas de um julgamento precoce<sup>10</sup>. Isso porque poucos, além de Verne e Benjamin, antes da Primeira Grande Guerra acreditavam ou pelos menos fingiam não acreditar, nos monstros que aquela civilização industrial/burguesa e científica poderia estar gerando.

Para concluir, retornemos a Júlio Verne. Nas duas obras mais citadas neste pequeno e desprezioso artigo, poderíamos citar as duas faces do que se convencionava como progresso no século XIX: o científico e tecnológico, e o filosófico e humano. Em *Vinte Mil Léguas Submarinas* (1870), Verne elenca o primeiro, ao demonstrar tudo o que há de mais relevante no campo das ciências no século XIX. Se parasse por aí sua carreira seria incompleta, e não poderíamos entender o progresso no século XIX a partir de sua literatura. Entretanto, em 1873 ele escreve *a Volta ao Mundo em oitenta dias*, e além de citar os avanços científicos e tecnológicos, sem os quais seria impossível dar a volta ao mundo, o enfoque é muito maior no progresso humano, no progresso das ideias, na forma como se encara o humano, o outro, aquele que é diferente. É claro que um europeu do século XIX não iria entender Verne da mesma maneira que um historiador do século XXI, mas ao escrever dessa forma, o autor deixa para a posteridade a ideia de que pelo menos ele, Júlio Verne, entendia o progresso em suas mais variadas faces.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Germana. **Júlio Verne: Centenário da morte do pai da ficção científica.** Cienc. Cult. [online]. 2005, v. 57, n. 2, PP. 56-57. ISSN 0009-6725. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200026&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200026&script=sci_arttext) . Acesso em agosto de 2017.

BOSI, Alfredo. **O Tempo e os Tempos.** IN: Novais, Adalberto (org.) *Tempo e História.* São Paulo: Cia das Letras, 1992.

---

<sup>10</sup> A obra de Verne foi bem recebida até o momento em que ele falava apenas dos prodígios da ciência. A partir do momento em que ele começa a elencar os 'efeitos colaterais' que esse progresso poderia causar, seu próprio editor passou a censurar sua obra. Tanto que a obra *Paris no Século XX*, só é publicada depois de sua morte. Ver BARATA. Op. cit. p. 6.





CAIRE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à Historiografia**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: O Minidicionário da Língua Portuguesa** / 6. Ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: A arte de Inventar o passado**. Ensaios de Teoria de História / Bauru, SP: EDUSC, 2007.

LE GOFF, Jacques. **Uma breve História da Europa**. Trad. Maria Idalina Ferreira Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de História". Boitempo Editorial, 2005.

NETO, Pedro da Cunha Pinto. **Júlio Verne: o propagandista das ciências**. IN: Ciência & Ensino – n. 12 – Dezembro de 2004. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200026&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200026&script=sci_arttext)

NIETZSHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1990. **Crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo**. Tradução Marco Antônio Casa Nova. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000 – (Conexões; 8).

NIETZSHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1990. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da História para a vida** / Tradução Marco Antônio Casa Nova. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003 – (Conexões; 20).

PESAVENTO, Sandra Jatthy. **Com os Olhos de Clio ou a Literatura sob o Olhar da História a Partir do Conto O alienista, de Machado de Assis**. IN: Revista Brasileira de História. São Paulo. V. 16. Nº 31 e 32. PP. 108 – 118, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Vera Lúcia. **História, antropologia e literatura, a busca do dialogo**. IN: Limites: Anais, SP: EDUSP; Niterói, RJ, 1995.

VERNE, Júlio. **A ilha misteriosa**. Texto em português: Carlos Heitor Cony. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VERNE, Júlio. **A volta ao Mundo em 80 Dias**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo, SP: Martin Claret, 2001.

VERNE, Júlio. **O Castelo dos Cárpatos**. Trad. Lincon Mello Martins. Rio de Janeiro, RJ: Matos Peixoto, S. A., 1966.

## REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



VERNE, Júlio. **Vinte Mil Léguas Submarinas**. Trad. José Gonçalves Vilanova. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.

WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**. SP: Círculo do Livro, 1992.